**Governo britânico em conluio com a Monsanto: crimes contra a humanidade**

Colin Todhunter, Global Research, 27/7/2017

[www.globalresearch.ca/the-british-government-colludes-with-monsanto-crimes-against-humanity-and-ecocide15571191](http://www.globalresearch.ca/the-british-government-colludes-with-monsanto-crimes-against-humanity-and-ecocide15571191)

Tradução e adaptação de Manuel Fernandes

 De acordo com a Dra. Rosemary Mason, o governo britânico deveria ser responsabilizado junto do Tribunal Criminal Internacional de Haia pelos crimes contra a Humanidade e ecocídio.

O público e o ambiente estão a ser envenenados por um cocktail mortal de mais de 320 pesticidas. Além disso, o País de Gales está a ser usado como depósito dos químicos mais tóxicos da Monsanto. Estas são as principais mensagens que R. Mason enviou numa carta aberta a Rob Stewart, presidente da Câmara e Conselheiro da cidade de Swansea.

Mason acrescenta que Swansea tem sido, ao longo de décadas, um campo de testes para o Glyfosato, tendo como resultado um considerável aumento de doenças na população local, acompanhadas de uma contínua devastação ambiental. Tem havido aplicação continuada de herbicidas à base de Glyfosato na zona de Swansea, à margem das recomendações da UE.

O Dr. Henk Tenneki, toxicólogo holandês independente e o Dr. Pierre Miriam, perito canadiano em ecotoxicologia, ambos profetizaram uma catástrofe ambiental devido ao uso irrestrito e insustentável de pesticidas pela indústria agroquímica.

No seu livro “The Systemic Insecticides”, Um desastre em construção, Tenneki mostrou que estes químicos actuam no cérebro dos insectos (e dos humanos também) e que o colapso das colónias de abelhas e outros invertebrados, bem como o declínio das populações de pássaros na Europa, estão intimamente associados a níveis baixos mas crónicos destes químicos. P. Mineau escreveu um relatório para o Americam Bird Conservancy, chamado “Os neocotinóides e as aves”, onde acusa a Environment Protection Agency (EPA) de negligência e conluio com a indústria agroquímica.

Mason também escreveu às autoridades britânicas relevantes nesta área sobre estes problemas e sobre a situação no País de Gales, mas a Agência Britânica do Ambiente tem-se recusado a agir.

 A Monsanto usa o País de Gales como aterro tóxico

A Monsanto montou uma fábrica em Newport já em 1949, e Mason demonstrou que a companhia pagou a uma empresa local subcontratada para efectuar despejos de lixos tóxicos na antiga pedreira de Brofiscin, Grosfaen. Os químicos aí lançados incluem policlorinato de eifenil (PCBs), o desfolhante Agente Laranja e dioxinas, todos eles usados profusamente na Guerra do Vietname.

Quando os PCBs foram proibidos nos EUA, o governo britânico concordou em continuar com os restos da produção na fábrica da Monsanto, no País de Gales até 1977 e aterros de lixos tóxicos foram estabelecidos em 7 pedreiras à volta da área.

Brofiscin em Grosfaen, perto de Cardiff é um dos locais mais contaminados do país. Em 2003, o dique de uma pedreira rompeu-se e as escorrências laranja espalharam-se para uma área a oeste de Cardiff. Segundo o engenheiro da companhia WS Atkins, o local continha pelo menos 67 químicos tóxicos. A Agência do Ambiente alegou que “não ofereciam qualquer perigo identificável nem constituíam problema para a saúde humana”.

Citando um estudo da WWF.UK de 2003, Mason mostrou que os resíduos de PCBs e outros organoclorinatos foram encontrados em 75 amostras de tecido humano retirados de cadáveres da população galesa entre 1990 e 1991. Os investigadores descobriram haver poucas alterações destes compostos na população do País de Gales ao longo da última década, apesar da redução do seu uso, desde a proibição dos anos 70.

Mason constata que as crianças de Gales obtêm notas baixas nos testes PISA e nos objectivos do 1º Ciclo. Também denunciou que os pesticidas à base de organofosfatos, supostamente banidos, continuam a ser usados na cultura do salmão em cativeiro. Entre 2006 e 2016, a quantidade de salmão produzido nesses tanques aumentou 35% e o uso de pesticidas aumentou 932%.

 Theresa May promove o lixo agrotóxico e os farmoquímicos

A contaminação dos alimentos pelo Glyfosato está associada a epidemias. Em 2012, a área inglesa tratada com Glyfosato era de 1,750.ooo ha, mas em 2014 já era de 2,250ooo ha.

O enzima aromatose é activado pelo Glyfosato e pelo Antrazine. Os inibidores da aromatose são usados para tratar o câncro da mama e o da próstata.

A respeito do Brexit, Theresa May declarou que o Reino Unido tinha muitas coisas para vender a todo o mundo, incluindo químicos, fármacos e experiência médica.

 Encobrimentos, mentiras e regulação falseada

A indústria trabalha sem parar para encobrir os seus crimes, tentando também desacreditar aqueles que desafiam as suas práticas e os seus produtos, ao mesmo tempo que se auto-elogia. Mason discute o caso Seralini e como uma campanha massiva foi montada tentando desacreditar o estudo e pressionar o editor do jornal para se retratar. O Centro de Ciência dos Media (SMC) esteve no auge dos ataques, pois defende e promove a tecnologia OGM e os seus fundos vêm das corporações em cerca de 70%, incluindo a Monsanto e outras empresas do sector. O director da SMC orgulha-se publicamente pelos seus estudos serem largamente apoiados por académicos como Bruce Chassy, prof. emérito da Univ. de Illinois. Só não disse que este mesmo recebeu da Monsanto $57.000 em menos de dois anos.

Mason denuncia também que no País de Gales há picos de cancro e outras doenças nas povoações onde o Roundup tem sido espalhado:

- tumores cerebrais

- cancros da mama, ovários, próstata, pulmões (mais de metade eram não-fumadores), do esófago, colon, pâncreas, recto, rins…

- Linfoma Non-Hodgkin

- Carcinomas uterinos

- limiosarcoma do útero

- mielomas múltiplos

- Parkinson

- esclerose múltipla

- doenças neuromotoras

- Alzeihmer…

Muitos dos cancros são bastante invulgares e muito agressivos, lembrando os dos trabalhadores das fábricas de pesticidas dos anos 60.

E, apesar de tudo, uma indústria assassina constitui-se como corpo de conselho dos reguladores. Estes são controlados pela indústria dos pesticidas sediada no Reino Unido e fazem aí muito dinheiro.

Mason cita o exemplo da Exponent Inc. que se apresenta a si própria como uma empresa de pesquisa e consultoria científica, tendo como clientes a indústria e o governo. Esta companhia foi usada pela Bayer para atacar o trabalho da EFSA sobre neocotinóides e abelhas em 2013. Também contribuiu para um relatório da Dow que declarava que a “exposição a pesticidas específicos durante fases críticas do desenvolvimento do cérebro humano, não põe problemas relevantes”. Esta apreciação é secundada por várias agências ambientais britânicas.

 O Glyfosato e a destruição da biodiversidade

Mason declara que Swansea tem sido um campo de testes para o Roundup e constatou que uma erva de origem japonesa repetidamente tratada com esse pesticida, tem-se tornado maior e mais forte. Cresce sobretudo à volta das minas e, portanto, as pessoas mais afectadas são as mais pobres.

Nos EUA, entre 1996 e 2011, em resultado da tecnologia OGM, têm-se desenvolvido cerca de 22 espécies de ervas daninhas super-resistentes ao Glyfosato.

Em 2016, Charles Benbroke declarou que, desde 1974, nos EUA, mais de 1,6 biliões de quilos de Glyfosato têm sido aplicados, ou seja, 19% da aplicação global que se estima em 8,9 biliões. Globalmente, o uso do Glyfosato cresceu 15 vezes desde a introdução das culturas transgénicas em 1996. 2/3 do volume total do Glyfosato aplicado nos EUA foram-no nos últimos 10 anos.

Em 2016, um relatório inglês sobre o estado da Natureza constata uma devastadora perda de biodiversidade, no país. Assistimos a uma guerra contra todas as plantas e criaturas que não fazem parte das monoculturas OGM implantadas pelos cartéis agroquímicos.

 O que pode ser feito ?

Os habitantes do País de Gales estão doentes e o seu Serviço Nacional de Saúde está em crise. A saúde humana depende da biodiversidade e Gales enfrenta uma catástrofe ambiental devido aos pesticidas. O governo inglês está envolvido nos crimes pelo seu conluio com os fabricantes que envenenam conscientemente as pessoas e o ambiente, em nome do lucro e da ganância.

Os lobbies farmoquímicos têm-se esforçado por colocar no mercado os seus produtos e tentam que lá permaneçam. Utilizam empresas de pesquisa e outras para desacreditar investigadores e estudos que mostram a massiva devastação na saúde e no ambiente, ao mesmo tempo que colocam os seus homens de mão em cargos de topo, para garantir políticas favoráveis aos seus interesses. Mason tem identificado e documentado tudo isto, apontando os nomes das pessoas e empresas culpadas.

Já temos informação suficiente para sabermos que as indústrias químicas andam a matar-nos e já sabemos os nomes. Estudos e relações públicas pagos à peça, jornalismo de farsa e políticas regulatórias à medida ou a sua ausência, são tudo armas em jogo. O dinheiro compra a influência política e o poder.

Precisamos assim de restaurar as ligações entre os produtores e os consumidores, desafiando o ataque e o sequestro corporativo contra o sistema alimentar.

Como movimento global, Nyeleni tem uma agenda radical de desafio a tudo isto. Visa atacar o imperialismo, o colonialismo e todos os sistemas que empobrecem a vida, incluindo as organizações financeiras internacionais, os acordos e tratados, as corporações e os governos que hostilizam as suas populações. O website “ Nyeleni Europe” contém bastante informação, mostrando que as indústrias prosseguem com os seus crimes contra a Humanidade. É preciso apostar na educação e esclarecimento das pessoas….